Nas dissertaÃ§Ãµes, nÃ³s ou eu?

Afixado por luis ricardo - 31/10/06 12:10

Umberto Eco, no seu livro â€œComo se Faz Uma Tese em CiÃªncias Humanasâ€•, recomenda o uso do â€œenÃ³sâ€•. Existem que exigem esta posiÃ§Ã£o aos seus orientandos e ainda outros que nÃ£o se manifestam, sendo-lhes indiferente. Mas, contudo, quando a natureza dos estudos tiver uma componente etnogrÃ¡fica e porque â€œo trabalho etnogrÃ¡fico vive do eu do investigadorâ€• (Silva, 2003, p. 71), e tambÃ©m porque â€œtodo o texto etnogrÃ¡fico deve sempre utilizar a primeira pessoa singularâ€• (Ball, cit. ibidem), parece-me que serÃ¡ mais indicado seguir este caminho. Como as caracterÃ-sticas da abordagem qualitativa se confundem com as caracterÃ-sticas do mÃ©todo etnogrÃ¡fico, sendo esta comparaÃ§Ã£o acentuada na obra de Bogdan e Biklen (1994), de Caria (2002) e de Silva (2003), nÃ£o fosse a referÃªncia Ã â€œdescriÃ§Ã£o profundaâ€• (Bogdan e Biklen, 1994, p. 59) ou ao â€œvocabulÃ¡rio diferenteâ€• (ibidem), onde acrescentam que actualmente o investigadores utilizam o termo etnografia quando se referem a qualquer tipo de estudo qualitativo, uma vez que ambos acentuam a vertente descritiva relativamente a conversas e pormenores com pessoas e locais, o uso do â€œeuâ€• numa investigaÃ§Ã£o predominantemente qualitativa (intensiva) tem todo o sentido. Outras das razÃµes Ã© a coerÃªncia descritiva, e evitar alguns contra-sensos sem qualquer lÃ³gica, como por exemplo afirmar que â€œsomos presidentes do conselho executivo na Escolaâ€•. Parece-me tambÃ©m, que nÃ£o se deve â€œresponsabilizarâ€• ou mesmo â€œabusarâ€• do orientad que â€œenÃ³sâ€• vislumbrÃ¡mos, quando de facto fui â€œeuâ€• que vislumbrei. No entanto, a demarcaÃ§Ã£o de qualquer prete que esta posiÃ§Ã£o possa sugerir Ã© essencial, pois, na verdade, nÃ£o pode existir senÃ£o humildade em trabalhos com este cariz. AtÃ© porque, dado as inÃºmeras, evidentes e naturais indicaÃ§Ãµes com constantes alertas no sentido de reencontrar o caminho e escolha dos instrumentos mais adequados por parte do orientador, o â€œenÃ³sâ€•, nesta perspectiva, seria mais apropriado. Ou seja, dever-se-Ã¡ considerar o â€œeuâ€• como sendo um â€œenÃ³sâ€•, como afirmou, Ricardo Vieira provas de agregaÃ§Ã£o (15-Mar-2006 no ISCTE), em frente a AntÃ³nio NÃ³voa, LuÃ-sa CortesÃ£o, Raul Iturra, entre outros.

No que se refere Ã abordagem extensiva (quantitativa), o infinitivo, parece ser o mais adequado, pois tratam-se de constataÃ§Ãµes que todos podem facilmente verificar. NÃ£o sou â€œeuâ€• nem somos â€œenÃ³sâ€•, digamos que Ã© â€œeque trabalhoâ€• de analisar essas asserÃ§Ãµes.

Se existir uma triangulaÃ§Ã£o, entendida como uma â€œcombinaÃ§Ã£o de metodologias no estudo dos mesmos fenÃ³menosâ (Patton, cit. Carmo e Ferreira, 1998, p. 183), entre a abordagem intensiva e a abordagem extensiva, acentuado pelo mesmo autor (ibidem) como â€œuma forma de tornar um plano de investigaÃ§Ã£o mais sÃ³lidoâ€•, nÃ£o deverÃ¡ chocar ningu ver os gÃ©neros correspondentes em cada uma das partes.

ReferÃªncias bibliogrÃ¡ficas:

â€¢ BOGDAN, Robert; BIRKEN, Sari â€“ InvestigaÃ§Ã£o Qualitativa em EducaÃ§Ã£o. Porto: Porto Editora, 1994
â€¢ CARIA, Telmo (org.) â€“ ExperiÃªncia EtnogrÃ¡fica em CiÃªncias Sociais. Porto: Afrontamento, 2002
â€¢ CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela M. - Metodologia da InvestigaÃ§Ã£o - Guia para Auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998
â€¢ SILVA, Pedro â€“ Etnografia e EducaÃ§Ã£o. ReflexÃµes a PropÃ³sito de uma Pesquisa SociolÃ³gica. Porto: ProfediÃ§Ãµes 2003

==========